

# Percepções sobre os desenhos animados na primeira infância e a mediação parental <sup>1</sup>

Michele Marques Pereira

## **A emergência dos telespectadores mirins**

Disponibilizar ou não para bebês e crianças acesso aos dispositivos dotados de tecnologias digitais pode ser fonte de grandes questionamentos para as famílias contemporâneas. Não raro, o primeiro contato dos pequenos com as telas digitais se dá por meio dos desenhos animados. As animações abrem mundos imagéticos, cheio de cores,

---

1 Este artigo é republicação, com modificações, de texto publicado no e-book do II Congresso Internacional de Comunicação e Educação e VIII Educom, realizado em 2018. O motivo da republicação se dá: pela temática do livro que contempla a infância e a educomunicação; por ser um texto ampliado, em relação ao publicado no congresso; por decorrência do artigo ter sido parte do trabalho de conclusão da disciplina *Educomunicação e Cultura Infantojuvenil na perspectiva da educomunicação: do convívio com a mídia ao protagonismo crítico* ministrada na Escola de Comunicação e Artes da Universidade de São Paulo e que deu origem a este livro.

formas, músicas e diálogos, repletos de novas referências estéticas e sensoriais que fascinam e encantam.

As telas, com o advento da internet, passaram a ser portáteis. Devido à flexibilidade e à mobilidade para acessar os conteúdos audiovisuais, as crianças, tidas como nativos digitais<sup>2</sup>, agora, têm ao alcance da palma da mão os desenhos animados, que podem ser baixados nos aplicativos e exibidos *offline* (sem internet).

Essas crianças estão concebendo sua percepção de mundo com realidades virtuais, audiovisuais e imagéticas tão inovadoras que, no meio da espuma gerada pela agitação que essas mudanças acarretam, buscamos visualizar, ao menos em parte, possíveis desdobramentos dessa relação na infância. A busca por esse entendimento, como aponta Belloni (2010), faz parte de diversas investigações ao redor do mundo e “[...] está longe de ser compreendido por pesquisadores e educadores em que pese a importância efetiva desses dispositivos técnicos na vida cotidiana de crianças e adultos na maioria dos países do mundo.” (BELLONI, 2010 p. 63)

Ciente da complexidade do tema e da necessidade de investigações para compor olhares, expomos aqui uma pesquisa com um grupo de mães e pais de doze crianças entre um e quatro anos, pertencentes a famílias com alto índice de escolarização, sobre a presença do desenho animado no cotidiano das crianças. A partir da pesquisa com as famílias, discutimos os desenhos animados, a mediação parental, a mediação interna da criança com os desenhos e percepções da educação sobre a questão.

---

2 Utilizamos a expressão *Nativos Digitais* exposta por Prensky, para falar sobre aqueles que nasceram e crescem cercados pelas tecnologias digitais, falantes nativos dessa linguagem. (PRENSKY, 2001 p.1)

## Janelas para o desenho animado: as telas

Levantando dados da *Internet World Stats*, observamos que, em vinte anos, o percentual de pessoas no mundo que passou a ter acesso à internet foi de 0,4% da população mundial, que representava dezesseis milhões de pessoas, para 50% em setembro de 2016, um total de três bilhões e seiscentos e sessenta e cinco milhões de pessoas. O dispositivo que mais contribui para o crescimento do acesso à internet no mundo foram os celulares que, já em 2013, estavam inseridos em quase 100% da sociedade global<sup>3</sup>.

É por meio destes dispositivos que muitos indivíduos acessam a internet, sendo o Brasil o quarto colocado no *ranking* dos países com o mais alto índice de usuários. À frente está a China, em 1º lugar, seguida da Índia e dos Estados Unidos respectivamente<sup>4</sup>. Outra fonte que contribui para observar a presença das telas na vida das famílias é a pesquisa realizada pela Cetic em 2015, que aponta, dentre outras questões<sup>5</sup>, que o celular é o dispositivo mais utilizado para acessar a internet e que está em 93% dos lares brasileiros. Os celulares e os televisores, segundo a instituição, aparecem como as telas que estão mais presentes no cotidiano social e, por consequência, no cotidiano infantil. (CETIC, 2015 p. 131)

---

3 Fonte: *Internet World Stats*. Disponível em: <<http://www.internetworldstats.com>> Acesso em: 27 fev. 2017.

4 Fonte: *Internet World Stats*. Disponível em: <<http://www.internetworldstats.com>> Acesso em: 27 fev. 2017.

5 Como: que 97% das residências brasileiras possuem televisores, 93% possuem celulares, 29% dos lares brasileiros possuem TV por assinatura, 25% computadores de mesa, 32% computadores portáteis e 19% possuem *tablets*. 89% dos usuários brasileiros acessam a internet via celular, sendo que para 35% esse é o único dispositivo de acesso.

Em um esforço de perceber nuances sobre a presença das telas e do hábito de assistir desenhos animados na primeira infância, realizamos uma pesquisa com dez famílias que possuem formação acadêmica com ensino superior completo, sendo 80% pós-graduadas, residentes na cidade de São Paulo e arredores.

### **As famílias e os desenhos animados**

Partimos da vivência em uma cidade urbana e frenética, onde para algumas famílias é um desafio observar, refletir e construir uma visão crítica sobre como mediar, ou não, a presença dos desenhos animados e das telas digitais na vida das crianças. A pesquisa foi realizada no mês de janeiro de 2017 por meio de um questionário *online*, onde a(o) entrevistada(o) não precisava se identificar. Dez famílias responderam, sendo que duas têm dois filhos e oito, um filho, totalizando doze crianças menores de quatro anos. A idade das(os) entrevistadas(os) variava entre trinta e três e trinta e oito anos, sendo que nove são residentes na capital paulista e duas em cidades vizinhas pertencentes à Grande São Paulo. As profissões das mães e pais eram diversas e todos viviam com as crianças, sete meninos e cinco meninas, sendo que 73% têm três anos e possuem como responsáveis, os pais. Todas frequentam escola infantil e 90% estudam em instituições particulares.

A idade com que as crianças passaram a assistir a conteúdos audiovisuais variou. Três começaram a assistir a filmes e vídeos antes de um ano, cinco assistiram pela primeira vez a desenhos animados depois de um ano, três tiveram acesso depois de dois anos e uma criança não assiste a conteúdos audiovisuais. A seguir, apresentamos o relato dos hábitos das nove famílias que disponibilizam desenhos animados para seus filhos.

De acordo com a resposta dos pais entrevistados, 50% das crianças assistem a filmes e vídeos todos os dias da semana e 50% de três a

cinco vezes por semana. O tempo de exposição diária a conteúdo audiovisual foi de uma hora, para 60%, e de duas a três horas diárias para 40%. O provedor de conteúdo mais utilizado foi a Netflix e em segundo lugar ficou a TV por assinatura. A plataforma mais frequente para assistirem aos conteúdos é a televisão. A maioria dos pais relataram alternar os momentos do dia em que disponibilizam conteúdo audiovisual. Todas as crianças assistem a filmes e vídeos em casa, outro local onde elas também têm acesso é na casa de familiares e amigos. 30% das crianças, às vezes, assistem a filmes e vídeos durante as refeições, enquanto 20% no transporte e 30% em outros locais. 80% das crianças assistem audiovisual acompanhadas pelos pais e, variavelmente, pelos avós ou professores.

Os entrevistados relataram que, durante o tempo em que a criança passa assistindo desenhos animados, a presença do adulto responsável alterna-se entre assistir os desenhos junto e realizar outras atividades. O relato sobre a interação dos pais no momento em que a criança está assistindo desenhos animados variou entre comentar e/ou questionar sobre o conteúdo. Sobre esses conteúdos assistidos, os que as crianças têm mais interesse, no momento, são os seriados, sendo que em primeiro lugar foi citado o *Show da Luna*, depois a *Patrulha Canina* e na sequência diferentes conteúdos como: *Mônica Toy*, *Bob Zoom*, *Bee Movie*, animações musicais com animais, o filme *Carros*, *Moranginho*, *Penn Zero*, *A Guarda do Leão*, *Go Diego Go*, *Patati Patatá*, *Shezow*, desenhos da Disney, *Dora Aventureira*, *Pocoyo*, *Peppa Pig* e *Doutora Brinquedos*.

Perguntamos como as mães e pais avaliam a programação ofertada e o conteúdo que as crianças assistem e obtivemos as seguintes respostas: 1. é possível encontrar ótimos conteúdos, 2. a oferta é bem variada, 3. a programação a que a criança tem acesso ajudou a desenvolver a fala, a expressão corporal, a memória, as boas maneiras e que ajuda a aprender um novo idioma e a contar. Um dos aspectos

citados como negativos foi a exposição aos comerciais, que, na opinião das famílias, incentiva o consumismo. Essa questão leva muitos pais e cuidadores a escolherem *streamings*, como a Netflix, como plataforma principal de acesso ao conteúdo audiovisual. Um incômodo que apareceu entre os pais foi o estímulo de linguajares considerados não apropriados para as crianças. Nesses casos, os pais relataram que medeiam o tema explicando aos filhos(as) que não se pode usar essas palavras e explicando o motivo dessa orientação. Foi citada, por mais de uma família, a importância de selecionar o conteúdo audiovisual, por existirem conteúdos fúteis e violentos. O relato de uma das mães exemplifica algumas das questões levantadas:

Diversas vezes minha filha apareceu com expressões que não usávamos em casa e, posteriormente, observei que vinha do desenho. Algumas vezes, a influência foi até positiva. Contudo, em outras vezes não. [...] Outra coisa que me incomoda muito são alguns valores que são transmitidos pelo desenho. Num episódio do *Backyardigans*, não lembro qual personagem, dizia que só gostava do outro por ter uma casa grande e bonita. [outro incômodo é] O ideal de beleza ressaltado em desenhos como *Barbie*. (Mãe de uma menina de três anos de idade. Janeiro de 2017)

Perguntamos aos pais se eles conheciam as ferramentas de controle parental, a maior parte deles respondeu que já ouviu falar, mas, como ainda não permitiam que as crianças manipulassem sozinhas os dispositivos de acesso, não se aprofundaram no tema. Uma mãe respondeu: "Não conheço esses termos, mas acredito que a escolha do desenho seja um deles e o tempo de acesso outro."<sup>6</sup> Essa resposta reflete que, apesar do desconhecimento sobre as possibilidades que a

---

6 Resposta de uma mãe de uma menina de quatro anos de idade e um menino de dois anos de idade. Janeiro de 2017

tecnologia pode ofertar para o controle parental do conteúdo audiovisual ao qual a criança tem acesso, algumas famílias percebem que o principal controle pode ser exercido pelos próprios pais e cuidadores.

### **Controle parental e canais de streaming**

Alguns pais que participaram da pesquisa relacionaram o fato da criança assistir apenas a canais de *streamings*, como Netflix, como uma forma de controle parental, por esses canais permitirem a criação de perfis infantis. Notamos, porém, que a restrição ao conteúdo audiovisual por meio da criação de um perfil específico infantil é limitada e que as ferramentas de controle parental são pouco conhecidas. Por exemplo, o principal canal de acesso das crianças a filmes e vídeos, apontado pelos entrevistados, foi a Netflix e a maioria dos pais entrevistados não sabia que, após criarem um perfil infantil na plataforma, poderiam colocar outros filtros entrando na área de gerenciamento de perfis e alterando o nível de maturidade entre duas categorias: “Apenas crianças pequenas” e “Crianças de todas as idades”<sup>7</sup>. Diferenciação fundamental, já que a categoria criança, no Brasil, vai de 2 a 12 anos e o conteúdo que um pré-adolescente assiste pode não ser adequado a uma criança de 2 anos.

Outra possibilidade de controle parental na Netflix é condicionar o acesso aos conteúdos optando pela ativação de uma senha de quatro dígitos<sup>8</sup>, deixando parte do conteúdo aberto e parte condicionado à senha. Na ativação dessa, é possível direcionar o acesso optando entre quatro categorias: Crianças pequenas (Livre); Crianças mais velhas (a partir de 10 anos); Adolescentes (12, 14, 16 anos) e Adultos (acima

---

7 Site da Netflix Brasil Disponível em: < <https://www.netflix.com/ManageProfiles> > Acesso em: 12 maio 2018.

8 Site da Netflix Brasil. Disponível em: < <https://www.netflix.com/pin> > Acesso em: 12 maio 2018.

de 18 anos). Um fator diferencial relevante é que é possível na área de controle de pais limitar conteúdos específicos, filmes e séries, que os responsáveis pelas crianças não desejam disponibilizar. Basta digitar os nomes dos conteúdos na área “Restringir títulos específicos” e o provedor passa a não permitir o acesso ao conteúdo especificado<sup>9</sup>.

A questão que permanece é que o conteúdo continua aparecendo e podendo aguçar o desejo da criança, mas ela apenas consegue acessar se digitar a senha-passe, delimitada pelo responsável. A partir dessa constatação, fica a questão de se os pais – caso essas ferramentas estivessem mais visíveis - adicionariam ou não os filtros de controle disponíveis.

Nas situações em que as famílias não estão junto com a criança assistindo ao conteúdo audiovisual, a criança pode ser exposta a conteúdos considerados inadequados. Não raro uma criança fica sozinha com o dispositivo de acesso ao audiovisual enquanto seus pais trabalham ou realizam outra atividade, o que pode gerar uma exposição indesejada. São fatores como este que aumentam os questionamentos do porquê os principais canais de acesso aos conteúdos audiovisuais destinados às crianças não disponibilizam um controle parental mais acurado e de fácil acesso. Uma mãe entrevistada alegou que sua filha de três anos se demonstrou interessada em assistir aos desenhos da Barbie, que estão na Netflix, e que ela não disponibilizava. Na época, não era possível restringir conteúdo específico com senha-passe, mas, ainda hoje, a sugestão permanece visível, aguçando o interesse da criança e a mãe não consegue ocultar a aparição do conteúdo.

O fato de não disponibilizar a opção de ocultar conteúdos que os pais e responsáveis julgam inadequados à faixa etária pode dificultar

---

9 Site da Netflix Brasil. Disponível em < <https://www.netflix.com/pin> > Acesso em: 12 mai. 2018.



tar às famílias o ato de curadoria do conteúdo audiovisual a que crianças, no caso de nossa pesquisa menores de 4 anos, têm acesso. Esta dificuldade ocorre tanto em serviços pagos quanto em serviços gratuitos. Aliás, essa questão das sugestões que o aplicativo oferece é ainda mais complexa no caso do Youtube, no qual o conteúdo considerado infantil é mais vasto e realizado muitas vezes sem curadoria especializada. Outra questão é o excesso de conteúdos que podem estimular o consumismo, a violência e a erotização precoce, fatores demonstrados como preocupantes para as famílias participantes da pesquisa.

O controle parental no Youtube pode ser mais complexo e difícil de realizar. Por exemplo, é possível apagar o histórico para dificultar algumas sugestões, ação que demanda tempo e constância. É necessário fazer essa limpeza com uma alta periodicidade, pois o conteúdo pode ser oferecido novamente. A quantidade de conteúdo ofertado é tão vasta que esse trabalho pode parecer sem fim. Outra possibilidade no Youtube, que a maioria das famílias não conhecia, é o Youtube Kids, apenas duas famílias disseram conhecer e gostar do aplicativo. Uma delas disse que usará quando a filha for maior e a outra família, de uma criança de três anos de idade, disse considerar o aplicativo de boa qualidade, apesar de ter poucas opções comparado ao Youtube.

Além da questão do conteúdo, um dos fatores que influenciavam a maioria das famílias desta pesquisa a não disponibilizarem às crianças acesso ao Youtube são as publicidades. Nas opções disponíveis para as crianças pequenas no Youtube, uma que vem ganhando milhares de telespectadores são as versões de vídeos com a temática de *unboxing*, onde crianças abrem caixas de brinquedos, ovos e pacotes. Existem, atualmente, canais do Youtube exclusivos para essa atividade, direcionados às crianças, como o *"FunToys Collector Disney*

*Toys Review*<sup>10</sup> que tem mais de 11 milhões de inscritos e bilhões de visualizações. Muitas famílias que responderam à pesquisa se mostraram preocupadas com o incentivo ao consumo e algumas contrárias a qualquer tipo de propaganda direcionada às crianças, por as considerarem pequenas, indefesas e por ser um conteúdo desnecessário à formação.

### **As crianças, o desenho animado e a mediação parental**

O processo de mediação e controle parental, em relação ao acesso a conteúdos audiovisuais por parte de crianças na primeira infância, pode passar por diferentes escolhas como: se a criança irá ou não ter acesso às telas eletrônicas; o tempo que será disponibilizado para essa atividade (quais dias da semana e tempo diário de exposição); locais de acesso (casa, escola, transporte etc.); tipo de dispositivo para acesso (TV, Celulares, *Tablets*); canais de acesso (TV aberta, TV por assinatura, Canais de *Streaming*); tipos de atividades/conteúdos a serem acessados (desenhos animados, jogos, filmes, séries, aplicativos, etc.); quais momentos para acesso (manhã, tarde, noite, durante as refeições, hora de dormir, etc.); se a criança tem acesso com ou sem presença de adulto; como se dá a presença do adulto enquanto a criança assiste ao conteúdo (comenta, observa, etc.), dentre outras possibilidades.

Nesse mundo de escolhas, as dúvidas são diversas, assim como são diversos os olhares que podem contribuir para que as famílias percebam possibilidades na condução da interação com desenhos animados na primeira infância. Por conta do recorte, trazemos um sobrevoo a respeito dos olhares da comunidade pediátrica sobre o assunto.

---

10 Disponível em: <<https://www.youtube.com/user/DisneyCollectorBR/featured>> Acesso em: 23 abr. 2019

A Sociedade Brasileira de Pediatria (SBP) é um órgão que tece considerações sobre o contato de crianças com a internet, as mídias e a importância do controle parental. De acordo com o *Manual de Orientação sobre a Saúde de Crianças e Adolescentes na Era Digital*, publicado pela SBP em 2016, o uso precoce por parte das crianças e jovens e de longa duração de internet, jogos, redes sociais ou aplicativos com filmes e vídeos, pode ocasionar danos para as crianças, como dificuldades de socialização e conexão com outras pessoas, dificuldades escolares e dependência.

As recomendações da SBP para a primeira infância, em relação ao uso de tecnologia digital, é de que o contato seja limitado e de acordo com a faixa etária e desenvolvimento cerebral-mental-cognitivo-psicossocial das crianças. A entidade recomenda desencorajar ou até proibir o uso passivo por parte de crianças menores de dois anos a conteúdos inapropriados de filmes e vídeos, evitando que assistam audiovisual enquanto realizam refeições ou antes de irem dormir (entre uma e duas horas antes de se deitarem).

Para as crianças acima de dois anos e até cinco anos, a recomendação é que o tempo de exposição máximo seja de até uma hora por dia. Recomenda-se que os pais estabeleçam limites de horários para o acesso às mídias e aos conteúdos audiovisuais. Outra recomendação é de que crianças até dez anos não tenham televisores ou computadores em seus quartos e que crianças menores de seis anos precisam ser mais protegidas da violência virtual, por não saberem separar a fantasia da realidade. A entidade expõe a importância de serem instalados e atualizados antivírus, *antispam*, *antimalware* e *softwares* que ofereçam filtros de segurança e monitoramento das atividades realizadas pelas crianças. Outra recomendação é o diálogo, com a preocupação de não amedrontá-las, sobre os cuidados e perigos do uso da internet e das tecnologias digitais. Recomenda-se “conversar sobre valores familiares e regras de proteção social para o uso saudável,

crítico, construtivo e pró-social das tecnologias usando a ética de não postar qualquer mensagem de desrespeito, discriminação, intolerância ou ódio". (SBP, 2016, p. 3)

A SBP recomenda aos pais que se desconectem dos meios digitais durante finais de semana e férias e aproveitem para dialogar e dividir momentos de alegria e afeto com seus filhos sem as tecnologias digitais, pois isso ajuda a evitar "[...] obesidade, distúrbios do sono, lesões articulares, problemas posturais, alterações da visão, perda auditiva, transtornos comportamentais e mentais dentre outros já demonstrados por diversos estudos da literatura científica." (SBP, 2016, p. 4)

### **A criança e as telas da TV**

No manual disponibilizado pela SBP em 2016 podemos observar aportes do campo médico sobre possíveis relações de causas e efeitos da presença e uso de telas digitais na saúde das crianças. Após a leitura do documento sentimos necessidade de buscar referências sobre como se dava a mediação interna no sujeito criança do conteúdo audiovisual assistido. Outro ponto que dedicamos atenção foi sobre as interferências externas que as crianças recebem por decorrência do dispositivo, local e pessoas presentes no momento de recepção. Um autor que contribui para observar e pensar essas temáticas no cotidiano social é Patrick Charaudeau. No que toca a questão externa à criança no processo de recepção, temos o dispositivo de acesso como um fator determinante, sendo que em nossa pesquisa foi apontada a televisão como o principal meio de acesso aos desenhos animados. Segundo Charaudeau (2013), diferentes tipos de dispositivos podem modificar as relações com os conteúdos assistidos.

Dentre esses dispositivos que constituem o quadro e formatam a mensagem, interessa aqui destacar as telas digitais, tanto como dis-

positivos fixos, em ambientes como residências e escolas, e enquanto móveis, acessadas via dispositivos como *smartphones* e *tablets*. De acordo com Charaudeau, no caso da televisão, a imagem não está em seu estado puro, como no caso da pintura e das artes plásticas. Os enunciados da TV são múltiplos e têm características de demonstrar efeitos do real e também do ficcional, sendo que o contrato de captação tende a ficcionar essa realidade. O autor expõe que, por meio da televisão, abre-se uma janela para um presente-ausente, cria-se a ilusão de encarnação, de autenticação de acontecimentos, de fascinação, que pode ser tamanha a ponto dos demais elementos serem reduzidos à representação imagética com a qual o telespectador está se relacionando. “Assim, pode-se dizer que a televisão cumpre um papel social e psíquico de reconhecimento de si através de um mundo que se fez visível.” (CHARAUDEAU, 2013, p. 112)

A partir da leitura de Charaudeau (2013), refletimos sobre a possibilidade da criança, por meio do desenho animado, reconhecer-se a partir de um mundo que se fez visível. A TV abre uma janela imagética que fascina, encanta e encena realidades e ficções representativas das questões que as tocam. Nesse processo, a criança telespectadora vivencia um contrato de comunicação assumido entre recepção e produção das informações. Como aponta o autor, a informação é captada, tratada e modulada de forma simbólica, buscando despertar o interesse do público e suscitar o prazer, com fins de educação seja cultural ou cívica. Por sua vez, o público recebe a informação e reinterpreta de acordo com suas formas pessoais, sem poder interpelar a instância que os apresenta, pois não há diálogo e troca, apenas simulacro, por mais que esta instância se exponha como interativa.

Charaudeau (2013) expõe que as ressignificações, que os sujeitos realizam no processo de recepção das informações, estão relacionadas com as ressonâncias que as informações causam internamente

e com as culturas dos sujeitos. Essa análise se aproxima do que foi evidenciado pelo Laboratório de Pesquisas sobre Infância, Imaginário e Comunicação (LAPIC), que aponta para o entendimento de que a mediação interna que a criança realiza ao assistir audiovisual é um processo singular e que está relacionado às suas culturas. Entendimento que aprofunda uma das questões apontadas no início deste tópico referente a mediação interna do conteúdo audiovisual por parte das crianças.

### **Janela para o mundo encantado dos desenhos animados**

Um dos espaços de pesquisa que se debruçou sobre a presença dos desenhos animados na infância foi o LAPIC da Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo (ECA/USP). Os estudos, liderados pela professora doutora Elza Dias Pacheco, investigaram as mudanças de hábitos infantis na construção do imaginário a partir dos anos 1960.

De acordo com Pacheco (1999), observando os desenhos realizados pelas crianças em seu consultório de fonoaudiologia foi possível perceber uma mudança dos desenhos das fadas e bruxas para os relacionados aos desenhos animados, percepção que contribuiu para encaminhar pesquisas sobre as relações entre TV e criança que resultaram na tese de doutorado da autora intitulada *O Pica-Pau: herói ou vilão? Representação social da criança e reprodução da ideologia dominante*, publicada em livro pela Loyola, em 1985. Da continuação das pesquisas sobre TV e criança se desdobrou a organização de três cursos de especialização: *TV/criança: uma cultura de lazer ou de alienação?*; *Infância, cotidiano e imaginário infantil*; *Meios de comunicação, infância e educação: representações e imaginário social*. Outro desdobramento resultou na linha de pesquisa Comuni-

cação-Educação, no LAPIC e no grupo de trabalho Imaginário Infantil realizado na Intercom<sup>11</sup> até 1996.

As investigações realizadas pela professora doutora Elza Dias Pacheco e pelos pesquisadores do LAPIC, na década de 90 do século passado, contribuem para observar questões latentes até os dias atuais como por que a TV e os desenhos animados fascinam tanto as crianças. De acordo com a autora, diante do crescente desenvolvimento das Tecnologias da Informação, do êxodo populacional para as grandes metrópoles e do desenvolvimento urbano, que mudaram os espaços onde as crianças brincavam, de grandes áreas abertas para espaços fechados, as brincadeiras passaram por transformações. Por vezes, o espaço das brincadeiras de rua e de parquinhos foi sendo dividido com a tela, abrindo uma janela para o mundo encantado dos desenhos animados. De acordo com as pesquisas do LAPIC, brincadeiras como pega-pega são realizadas de forma imaginária enquanto a criança está assistindo a desenhos animados.

Os estudos do LAPIC traçaram “[...] um perfil de todos os desenhos, veiculados no Brasil, inclusive os exibidos pelas TVs por assinatura, como o canal Cartoon Network, e os originários dos Estados Unidos e do Japão” na década de 1990. As pesquisas buscaram observar elementos míticos, simbólicos, metafóricos, dos heróis e anti-heróis e entender a maior fascinação por parte das crianças pelos desenhos norte-americanos como *Pica Pau*, *Pernalonga*, *Pateta* e *Máskara* além do Japonês *Yu-Yu Hakushô*. (PACHECO, 2000, p. 111).

---

11 Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação, foi fundada em 1977 e é uma instituição sem fins lucrativos, destinada ao fomento e à troca de conhecimento entre pesquisadores e profissionais atuantes no mercado de comunicação. Disponível em <<http://www.porta-lintercom.org.br/a-intercom>> Acesso em: 02 mar. 2020.

Questões apresentadas por Pacheco e pelos pesquisadores do LAPIC demonstraram relações diretas com temas que apresentamos nesse texto no tópico *As famílias e os desenhos animados*. Segundo o LAPIC, "as crianças imprimem sua experiência subjetiva no conteúdo assistido e constroem mensagens diferentes sobre o mesmo aspecto do enredo ou de um personagem, partindo do seu referencial."<sup>12</sup> Ou seja, em um mesmo desenho assistido por um grupo de crianças, cada criança observará o conteúdo à sua maneira, atentando-se às questões que lhe despertem interesse de acordo com suas vivências.

Nas pesquisas realizadas pelo LAPIC, o arquétipo do mito/herói foi apontado como algo preponderante e atrativo na percepção das crianças em relação aos desenhos animados. Observando o mito em um cenário ampliado, com suas modalidades próprias de linguagem e discurso, percebeu-se que o mito atinge o imaginário e o inconsciente possibilitando às crianças diversão, aprendizagens e exorcização de medos. Os estudos revelaram que, para as crianças, o que se destacava nos desenhos eram a comicidade, a fantasia e a magia.

Outros fatores percebidos pela pesquisa, em relação aos desenhos animados, é a forte presença das ambiguidades entre o bem e o mal como expressão narrativa, e o aspecto da existência e defesa de propriedades representativas do conforto, segurança e bem-estar. Foi apontado também que os desenhos com estruturas tênues como *Pica-Pau* e *Pernalonga* permitem às crianças elaborações mais amplas por conta da sua flexibilidade e abertura aos estímulos para estruturação e construção do conhecimento. As pesquisas realizadas pelo LAPIC buscaram, segundo Pacheco, "[...] desenvolver novos paradigmas teóricos e metodológicos; estudar as mediações no processo de re-

---

12 Pesquisa *Desenho Animado na TV: Mitos, Símbolos e Metáforas* Disponível em: <[http://www.eca.usp.br/nucleos/lapic/pesquisa/2pesquisa/2\\_pesquisa.html](http://www.eca.usp.br/nucleos/lapic/pesquisa/2pesquisa/2_pesquisa.html)> Acesso em: 23 nov. 2018.



cepção e de leitura crítica; e analisar o conteúdo da produção cultural para a infância.” (PACHECO, 2000 p. 111)

Ressalta-se que as pesquisas realizadas por Pacheco e pelos pesquisadores do LAPIC se desenvolveram no mesmo espaço da interface Comunicação/Educação que as realizadas sobre a educomunicação, desenvolvidas pelo Núcleo de Comunicação e Educação da Escola de Comunicações e Arte (NCE-ECA-USP). Percebe-se uma comunhão de buscas entre esses dois núcleos de pesquisa da Universidade de São Paulo, em especial sobre as relações entre criança e audiovisual.

### **Educomunicação, as telas e o diálogo**

Os estudos do LAPIC e de Pacheco trazem ricas contribuições sobre a mediação interna que a criança realiza a partir dos desenhos animados. Encontra-se na ECA-USP mais uma área que contribui para a discussão da mediação do audiovisual na infância, a Educomunicação. A vertente educ comunicativa trata a importância do protagonismo infantil, da leitura crítica da mídia e da horizontalidade das comunicações como alguns dos eixos fundantes para relação entre crianças e tecnologias da informação e comunicação.

Soares (2008) aponta que pesquisas realizadas na década de 1990 sobre o contexto brasileiro evidenciaram três vertentes no campo da comunicação que se debruçavam sobre o tema dos conteúdos audiovisuais disponibilizados na televisão, as vertentes: Moralista, Culturalista e Dialética ou Educ comunicativa.

Segundo Soares (2008), a vertente Moralista estaria ligada à visão de um controle moral do conteúdo audiovisual, com forte tradição de cunho religioso e reverberação nos dias atuais pela linha da “teoria dos efeitos”, em que as crianças são passivas, suscetíveis, indefesas e influenciáveis pelos estímulos dos meios. Já a vertente Culturalista difundida, em especial, pela Semiótica e a Sociologia Crítica, apresenta

uma produção acadêmica de instrumentos de análise sobre a natureza dos signos, as especificidades das linguagens, o controle político dos meios e a manipulação facilitada pela concentração na propriedade dos canais televisivos. A vertente Dialética representa, segundo o autor, uma conjugação de interesses, mais políticos que acadêmicos, que alimenta, a partir da chamada leitura crítica da mídia, a utopia da luta por uma comunicação democrática e horizontal.

A vertente Educomunicativa é um campo que contribui na observação das relações possíveis que ocorrem entre o ato da criança ver os desenhos animados e as mediações realizadas no processo. Essas mediações abrem um campo de intervenção “Educação com e para a Comunicação” que, como exposto por Soares (2013), na perspectiva desenhada pelo NCE/USP, é definida como uma área para a formação da “[...] recepção midiática à luz da contribuição oferecida pelas ciências humanas como a psicologia, a sociologia, a política e a moral, privilegiando-se os contextos de produção e a análise das mediações envolvidas no processo de apropriação dos bens simbólicos.” (SOARES, 2013, p. 187)

Nessa área da “Educação com e para a Comunicação”, é possível observar questões na relação entre o audiovisual e infância como: os fluxos comunicacionais e o ecossistema comunicativo; os processos de aprendizagens e experiência artística, cultural e estética propiciadas ou despertadas pelas obras audiovisuais; a leitura crítica de conteúdo audiovisual; a recepção da criança telespectadora; as questões de mediação interna (da criança com a obra audiovisual), de mediação parental (das relações das famílias e cuidadores na mediação de obras audiovisuais na infância) e de mediação social (como as regulações e supervisão de conteúdo audiovisual e publicitário para crianças); dentre outras questões possíveis de serem observadas na dialética despertada pelos desenhos animados.

Nessa vertente, alinham-se os princípios da Educomunicação<sup>13</sup> que sinaliza, nesse processo de relação das crianças telespectadoras com desenhos animados, caminhos para o exercício do ver e refletir sobre o que se produz e o que se assiste. Nesse processo, existem diversas camadas interligadas, como aponta Fuenzalida (2012), que trazendo aportes das teorias da neurobiologia cerebral e epigenéticas do desenvolvimento infantil, aborda a forma como as crianças recebem e medeiam as relações com o conteúdo audiovisual, transformando, comunicando e sendo ativas nessa relação. Fuenzalida (2012) aponta que as percepções da criança como sujeito passivo, indefeso, diante de uma toda poderosa televisão gerida por grandes grupos midiáticos com interesses mercadológicos e desestruturadora de valores morais, impulsionaram a defesa do espectador ativo e do incentivo para o desenvolvimento da leitura crítica da mídia, com posicionamento analítico frente às pressões consumistas.

Diferente da visão behaviorista de relação individual, passiva e defensiva entre emissor e receptor, passou-se a perceber o receptor como sujeito ativo nas relações de recepção do conteúdo televisivo. O conteúdo audiovisual começou a ser observado com outras potencialidades e uma visão positiva do conceito de entretenimento se fortaleceu “[...] enquanto espaço lúdico de potencial emancipador.” O autor expõe que os conteúdos televisivos valorizados pelos receptores estão conectados às relações da existência e dos problemas da vida cotidiana onde a “[...] aprendizagem ocorre com frequência no interior da situação espaço-temporal de recepção-entretenimento, e pela via da identificação emocional com histórias corriqueiras de experiências

---

13 A educomunicação, na ressemantização dada pelo NCE/USP, em 1999, busca o desenvolvimento de ecossistemas comunicativos abertos e democráticos nos espaços educativos, possíveis graças a um esforço de análises das relações comunicativas entre os sujeitos sociais, incluindo os que operam nas mediações culturais propiciadas pelo conjunto dos meios de comunicação.

personais mais do que por reflexão conceitual sobre leis gerais e abstratas.” (FUENZALIDA, 2016 p. 81)

Fuenzalida pontua que as atuais concepções para a produção de televisão infantil apontam para o conceito de produção construtivista, que em um primeiro nível se relacionam com as estruturas sociobiológicas estudadas pela psicologia da percepção audiovisual. As formas de concepção das imagens por parte dos humanos têm regras construtivistas próprias, distintas das observadas nas tecnologias empregadas pelas câmeras fotográficas e cinematográficas. Este processo foi confirmado pela neurobiologia cerebral e mostra que cada ser humano registra de forma única as imagens captadas, criando mapas no cérebro, de maneira criativa, e organiza de forma exclusiva e única as informações usando os próprios parâmetros e desenhos internos. (FUENZALIDA, 2016 p. 82)

Fuenzalida (2016), expondo contribuições como as da neurobiologia, da imagenologia, da psicologia evolutiva infantil, do desenvolvimento em etapas cronológicas, como aparecem em Freud, Piaget e na teoria epigenética de Erikson, pontua esse olhar para uma criança ativa e plena, com competências e capacidades próprias, onde o entorno familiar e cultural são fundamentais no desenvolvimento dessas competências internas da criança. “Assim o construtivismo na audiência infantil aparece não somente como um fundamento etário particular, e sim como uma forma especial de participação na interpretação da televisão.” (FUENZALIDA, 2016, p. 83)

A leitura do artigo de Fuenzalida (2016) corrobora com o olhar do LAPIC sobre as crianças como sujeitos ativos no processo de recepção de conteúdo audiovisual, que interpretam de forma singular o que assistem. Assim como vão ao encontro das questões trazidas por Soares (2008) sobre ver nas recepções do audiovisual, por parte das crianças telespectadoras, uma oportunidade de estímulo a metodo-

logias que incentivem a leitura crítica da mídia e das pressões consumistas que conteúdos audiovisuais podem invocar. Outro destaque das contribuições de Fuenzalida ao texto é a conexão das crianças aos conteúdos que despertam uma identificação emocional atrelada ao cotidiano e ao entretenimento.

Sobre a leitura crítica da mídia por parte das crianças, percebemos que esse é um processo que pode se iniciar internamente, com as percepções e mediações que a criança faz sobre determinado conteúdo audiovisual e se desdobrar na reflexão com as observações externas de situações ou de outros indivíduos sobre os conteúdos assistidos. Pontuamos que, nesse olhar com base na visão das crianças como atores sociais competentes, e não como vítimas passivas e incompetentes, é importante considerar, como expõe Buckingham (2012), os riscos de uma abordagem muito simplista que exalta a sofisticação da criança midiática, que é ativa e não é tão ingênua e passiva como se acredita, deixando de ponderar que o ser ativo pode significar ser mais aberto à influência. Segundo o autor, exaltar a “[...] sofisticação das crianças como usuários de mídia pode nos levar a negligenciar o fato de que existem áreas sobre as quais elas precisam saber mais – o que é, inevitavelmente, uma das principais preocupações tanto dos educadores quanto dos regulamentadores de mídia.” (BUCKINGHAM, 2012, p. 105)

Perceber esse olhar e fala adulto-centrada sobre a criança, as relações econômicas, sociais, políticas e culturais que envolvem esses discursos e os movimentos de homogeneização da infância se faz necessário para compor o quadro das possíveis relações que a presença do audiovisual provoca na infância. Para Belloni (2010), “Gostaríamos de poder afirmar que o usuário tem grande margem de escolha e autonomia diante das TICs porém acreditamos que tal afirmação faz mais sentido com uma proposta de ação pedagógica do que como análise da realidade”. (BELLONI, 2010 p. 119).

Percebe-se a criança que acessa as telas digitais como sujeito ativo no processo de recepção das mensagens que podem ser interpretadas, sentidas e ressignificadas de forma única por cada criança. Essa criança ativa no processo de mediação com o conteúdo audiovisual a que tem acesso está, porém, cercada por estruturas, discursos, instituições e restrições além do seu alcance e que também percebem a infância de uma perspectiva particular e, por vezes, conflituosa. (BUCKINGHAM, 2012, p. 114).

## **Percepções**

Encontrar caminhos que apontem uma percepção científica sobre as relações entre o conteúdo audiovisual assistido pela criança e as reverberações internas, na infância e no entorno social que essa recepção pode desencadear, é um desafio que oferece muitos questionamentos e aponta para um olhar multidisciplinar.

Realizando esse breve passar pelas abordagens trazidas pelos autores citados, famílias participantes da pesquisa e dados levantados sobre desenhos animados e primeira infância, destacou-se a singularidade que a mediação interna das comunicações midiáticas tem com cada criança, dadas especialmente quando o conteúdo emocional e está relacionado às questões de existência e de problemas cotidianos. As vivências, culturas, heranças genéticas, influências biológicas e sociais do entorno no qual bebês e crianças se desenvolvem, além do dispositivo e local ao qual se tem acesso ao audiovisual, pode fazer da interpretação e reverberação dos conteúdos algo único e com sentidos próprios.

Em uma turma de crianças que assistem ao mesmo desenho animado, cada uma interpretará e armazenará à sua maneira o conteúdo assistido, com visões distintas umas das outras. Questão que ocorre também com o adulto que assiste ao mesmo conteúdo audiovisual que uma criança. A leitura de mundo de determinado adulto traz

interpretações distintas como, por exemplo, a interpretação que um adulto pode fazer de programas brasileiros infantis de auditório, da década de 90 do século passado, atentando-se à sexualização das mulheres, enquanto a criança pequena pode estar atenta às brincadeiras e desafios apresentados.

Outro destaque foram as recomendações da Sociedade Brasileira de Pediatria para que as famílias brinquem ao ar livre com as crianças em períodos não mediados por tecnologias. A SBP também recomenda que bebês e crianças de até um ano, não sejam expostos às telas e que entre dois e quatro anos o tempo de exposição seja de até sessenta minutos por dia.

Um ponto para refletir é que não disponibilizar desenhos animados para bebês, ou regular essa exposição para crianças pequenas, pode não ser uma opção plausível para todos. Por questões diversas, para muitas famílias as telas da TV, *smartphones* e *tablets* são uma forma de entreter as crianças enquanto se trabalha, dentro ou fora de casa. Ainda que, como pesquisadores e especialistas, observa-se os benefícios de uma não exposição de crianças pequenas às telas digitais, faz-se necessário flexibilizar esses entendimentos às múltiplas realidades sociais e culturais e às necessidades de pensar políticas públicas que contemplem a primeira infância e a criança pequena de forma integral. Por outro lado, tal questão sinaliza a necessidade de mais informação e meios para que famílias e cuidadores de crianças possam realizar o controle parental e a curadoria de conteúdo audiovisual para a infância. Se há a necessidade ou o desejo dos cuidadores de expor bebês e crianças a vídeos e desenhos animados, ter acesso a mecanismos de controle parental pode contribuir para a mediação do audiovisual na infância.

Outro aspecto destacado na aproximação com o tema é que a mediação do conteúdo audiovisual assistido na infância é realizada tanto

internamente pelos sujeitos crianças ativas nesse processo, de forma singular, quanto por seus familiares e cuidadores que interferem nessa relação. Essas interferências podem se dar ao permitir, ou não, o acesso às telas digitais, ao selecionar conteúdos, dispositivos e locais de acesso e ao se posicionarem perante a criança com sua interpretação singular do conteúdo audiovisual assistido.

Um dos fatores que constatamos como complicadores no processo de mediação do conteúdo audiovisual para as crianças na primeira infância, que tangem a responsabilidade parental por um lado e a social por outro, foi a complexidade de acessar e manipular os dispositivos de controle parental tanto nos canais de TV aberta e por assinatura, quanto nos *streamings* como Netflix e Youtube.

Liberar um conteúdo vasto para que as crianças explorem e descubram obras interessantes, tendo mais autonomia, ao mesmo tempo em que os pais observam para intervir, em menor grau, em questões de risco à segurança ou integridade física e psíquica da criança, pode ser um ponto a ser investigado, que esse texto não alcança, mas que consideramos ser importante apontar. No entanto, pensar autonomia para acesso a obras tão vastas, que geralmente são realizadas com uma visão adultocêntrica, com inserções de comerciais, para crianças menores de seis anos, é questão complexa, que demanda acompanhamento e estudos.

A aproximação com o tema também apontou que familiares e cuidadores, que foram colocados como centrais no processo de mediação das obras audiovisuais na infância, lidam com uma indústria mercadológica que preenche de comerciais e produtos licenciados o cotidiano infantil, limitando e dificultando a mediação das famílias, o controle parental do acesso e a promoção da segurança e saúde infantil.

Apresentamos, neste texto, uma aproximação com a temática sobre crianças e os desenhos animados na primeira infância e a mediação



parental, buscando ampliar o olhar sobre a questão com percepções do campo científico, social e de familiares que presenciam o tema na era digital. O mergulho na temática permitiu trazer apontamentos e questões expostas ao longo do texto, especialmente aqui nas percepções finais, que foram de grande relevância para as pesquisas que realizamos.

## Referências Bibliográficas

BELLONI, Maria Luiza. *Crianças e mídias no Brasil*. Cenários de Mudança. CNPq. São Paulo: Papyrus, 2010.

BUCKINGHAM, David. As crianças e a mídia: uma abordagem sob a ótica dos Estudos Culturais. *Revista Matrizes*, São Paulo: ano 5 jan/jun: 93-121, 2012.

CETIC.Br. *Marco Referencial Metodológico para a Medição do Acesso e Uso das Tecnologias de Informação e Comunicação (TIC) na Educação*. Centro Regional de Estudos para o Desenvolvimento da Sociedade da Informação (Cetic.br). Versão revisada. São Paulo: nov. 2016.

CHARAUDEAU, Patrick. *Discurso das Mídias*. Tradução Angela M. S. Corrêa. 2.ed. São Paulo: Contexto, 2013.

FUENZALIDA, Valerio. Política pública: a televisão infantil na educação infantil. *Revista Comunicação & Educação*. São Paulo. Ano XXI, n. 2, jul/dez. 2016.

LEI Nº 13.257, de 8 de março de 2016. Dispõe sobre as políticas públicas para a primeira infância e outros temas.

PACHECO, Elza Dias (org.). *Televisão, criança, imaginário e educação*. São Paulo. Papyrus, 2002.

PACHECO, Elza Dias. *O Desenho Animado na Tevê: Mitos, Símbolos e Metáforas*. Relatório Final/Lapic. São Paulo: ECA-USP, 1999. Disponível em: <[www.eca.usp.br/nucleos/lapic/pesquisa/2pesquisa/2\\_pesquisa.html](http://www.eca.usp.br/nucleos/lapic/pesquisa/2pesquisa/2_pesquisa.html)>. Acesso em: 17 jul. 2018.

## CULTURA INFANTOJUVENIL NA PERSPECTIVA DA EDUCOMUNICAÇÃO

### Percepções sobre os desenhos animados na primeira infância e a mediação...

Pacheco, Elza Dias. LAPIC: Espaço lúdico de conhecimento sobre TV/criança. *Revista Comunicação & Educação*. São Paulo. (19), 107-115. Set/dez, 2000.

PRENSKY, Marc. Digital Natives, Digital Immigrants. On the Horizon. *MCB University Press*, Vol. 9 N.5, October, 2001

SOARES, Ismar de Oliveira. El derecho a la pantalla: de la educación en medios a la educomunicación en Brasil. *Revista Comunicar*. nº 31, v. XVI, 2008.

SOARES, Ismar de Oliveira. Educomunicação e as múltiplas tradições de um campo emergente de intervenção social na Europa, Estados Unidos e América Latina. In: João Cláudio Garcia R. Lima, José Marques de Melo (orgs.) *Livro Panorama da comunicação e das telecomunicações no Brasil: 2012/2013* Brasília: Ipea, 2013.

SBP, Sociedade Brasileira de Pediatria. Manual de Orientação. Departamento de Adolescência. Saúde de Crianças e Adolescentes na Era Digital. Nº 1 Out. 2016. Disponível em: [http://www.sbp.com.br/fileadmin/user\\_upload/2016/11/19166d-MOrient-Sau-de-Crian-e-Adolesc.pdf](http://www.sbp.com.br/fileadmin/user_upload/2016/11/19166d-MOrient-Sau-de-Crian-e-Adolesc.pdf) Acesso em: 10 nov. 2017.

TIC DOMICÍLIOS 2015. Pesquisa Sobre o Uso das Tecnologias De Informação e Comunicação nos Domicílios Brasileiros. *Publicação cetic.br Comitê Gestor da Internet no Brasil CGL.br*. Disponível em: <http://www.cetic.br/publicacao/pesquisa-sobre-o-uso-das-tecnologias-de-informacao-e-comunicacao-nos-domicilios-brasileiros-tic-domicilios-2015/> Acesso em: 16 nov. 2017

EMPLASA - Empresa Paulista de Planejamento Metropolitano S/A Site: <https://www.emplasa.sp.gov.br/RMSP> Acesso em: 5 mai. 2018.

Internet World Stats. Disponível em: <http://www.internetworldstats.com/> Acesso em: 27 fev. 2017.

FunToys Collector Disney Toys Review – Canal do Youtube destinado às crianças e dedicado a vídeos de *unboxing* Site: <https://www.youtube.com/user/DisneyCollectorBR/> featured Acesso em: 23 de abr. 2019.

## Sobre a autora

Michele Marques Pereira - Mestranda no Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação pela Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo: [michelemarques@usp.br](mailto:michelemarques@usp.br)